



Grand Prix d'Horlogerie
de Genève

Apoteose relojoeira

O Grand Prix d'Horlogerie de Genève é o equivalente relojoeiro dos Óscares de Hollywood. Este ano, passei a integrar o elenco do júri; aqui fica o relato, na primeira pessoa, de uma jornada memorável que começou com uma animada discussão nos bastidores e acabou de modo feérico com a celebração dos melhores instrumentos do tempo de 2008.

Por Miguel Seabra / Genebra

Porque o ser humano tende a comparar e a classificar, a eleição dos melhores é um passatempo recorrente em praticamente todos os sectores. Na relojoaria existem eleições nacionais em praticamente todos os países, sendo que em Portugal essa iniciativa tem sido implementada pela revista Relógios & Jóias através da votação do público; algumas das mais credenciadas publicações internacionais também promovem uma classificação com o recurso a um painel de especialistas. Emergindo sobre todas essas iniciativas 'locais', o Grand Prix d'Horlogerie de Genève é o equivalente relojoeiro dos Óscares de Hollywood, mesmo que – por razões políticas ou mesmo estratégicas – algumas marcas façam questão de não concorrer.

A fase terminal do ano encerra sempre rescaldos e nomeações, mas o processo de triagem do

Grand Prix d'Horlogerie de Genève começa bem antes. Para mim, até começou em finais de Abril: a organização convidava-me a integrar o júri à escala mundial que escolhe anualmente os exemplos mais representativos da indústria relojoeira. Uma honra tão grande quanto inesperada! Acompanho com interesse a relojoaria tradicional desde que me lembro e com maior paixão a partir de 1994, quando comecei a visitar as feiras da indústria; já traduzi ou supervisionei traduções de catálogos de marcas de A a Z (da A. Lange & Söhne à Zenith), visitei in loco muitas das principais manufacturas, estabeleci laços de amizade com personalidades do meio, sou o correspondente português da revista de referência Europa Star e a ligação à Espiral do Tempo é-me especialmente gratificante. Mas, atendendo ao percurso jornalístico no ténis, que ocupa a maior parte do meu tempo profis-

sional, nunca esperaria ser convidado para fazer parte do mais importante júri da relojoaria...

Primeiras fases

A participação começa num simples processo de candidatura: as marcas apresentam modelos concorrentes em várias categorias, que sofrem uma triagem inicial para se estabelecer uma primeira pré-selecção apresentada aos membros do júri em Junho. É a primeira selecção oficial não é fácil, uma vez que há dezenas de modelos em compita para cada um dos galardões.

Começámos por escolher os dez melhores em cada categoria, atribuindo pontuações de dez a um. A soma total dos pontos do júri determinou uma segunda pré-selecção com modelos que passaram a integrar uma exibição itinerante; entre a primeira e a segunda selecção, houve um modelo

ao qual eu dei nota máxima na categoria desportiva e que não se classificou para a segunda ronda: o notável conceito híbrido de Linde Werdelin, assente num relógio mecânico de pulso de estética robusta e contemporânea, ao qual se pode acoplar um módulo electrónico de fornecimento e recolha de dados que posteriormente se podem descarregar no computador...

Também tivemos de seleccionar o melhor arquitecto relojoeiro e, na segunda ronda de votação efectuada em Setembro, indicar também a nossa sugestão pessoal para o Prix Spécial du Jury... sendo que esse prémio especial iria dar muito que falar. Aliás, os últimos dias antes da cerimónia de 13 de Novembro em Genebra foram mesmo passados com frenéticas trocas de *e-mails* entre o júri para se preparar um veredicto final no *rendez-vous* matinal do dia da cerimónia.





Manhã

A chegada ao edifício da USB Corraterie, pelas 11 horas da manhã, sou recebido pela organizadora Carine Maillard e pelo comissário do júri Patrick Cremers – que me apresentam aos restantes membros. Os relógios vencedores das várias categorias já haviam ficado definidos e o Grand Prix de l’Aiguille d’Or (prémio Ponteiro de Ouro para o relógio mais destacado) será para François-Paul Journe – a quem Wei Koh, o meu colega responsável pela revista Revolution (que, a partir de Singapura, revolucionou a imprensa do sector ao juntar sensualidade e alta-relojoaria), apelidou de «Lance Armstrong da relojoaria». Por norma, o vencedor do Ponteiro de Ouro da edição anterior não pode concorrer no ano seguinte e torna-se membro honorário do júri – e, em 2008, tivemos entre nós Richard Mille, sempre informal e muito animado. A principal razão da reunião acabou por ser a atribuição do tal Prix Spécial du Jury. Após aceso debate em que defendi a noção de que o prémio deveria ser atribuído a uma instituição ou fundação em detrimento das personalidades pré-nomeadas, sugeri a iniciativa Rolex Awards for Enterprise (fundo que distingue personalidades na área das ciências e das artes); foi estabelecida então uma lista de nove possibilidades e optámos por eleger a Fundação da Alta-Relojoaria. Entre os colegas, Wei Koh, Richard Mille, o ‘patriarca’ italiano Eugénio Zigliotto e o eloquente Aurel Bacs, da leiloeira Christie’s, foram os mais participativos; o japonês Naomasa Furukawa fez-se acompanhar de uma tradutora. Feitas as últimas deliberações e quebrado o nó do Prix Spécial du Jury, veio a descompressão. Falei com Richard Mille sobre a sua ‘Alta Tecnologia’ e inteirei-me de outros pormenores do concurso junto de Patrick Cremers e Carine Maillard; depois passámos às entrevistas individuais para um canal televisivo.



Tarde

Dispersámo-nos e aproveitei para visitar a manufatura F.P. Journe na Rue de L’Arquebuse antes de apanhar um táxi para o belo local onde, desde cedo, estava a decorrer o Fórum da Alta-Relojoaria sob o lema ‘A Indústria do Tempo Em Mutação’, com a participação de CEO de várias marcas da Fundação de Alta-Relojoaria e líderes de opinião do sector. A supervisão estava a cargo de Anne Bieler, a *press officer* do Salon International de l’Haute Horlogerie que se mostra sempre atenciosa para com os portugueses – tem residência de férias perto de Tavira. Pediu-me para não escrever nada sobre os temas debatidos, por serem de carácter interno, mas não deixo de destacar o tom animado de Jean-Claude Biver da Hublot e a auréola mediática de Jean-Christophe Babin da TAG Heuer (que me mostrou o novo telemóvel da TAG Heuer e confidenciou haver uma celebração especial dos 40 anos do cronógrafo Monaco em 2009...), para além da condução paternal de Franco Cologni. A minha colega de júri Gillian de Bono, editora do estupendo suplemento How to Spend It do Financial Times, dissertou sobre a importância do consumo em tempos de crise para não travar a economia. Como afirmava Maquiavel, «Se soubesses mudar de natureza quando mudam as circunstâncias, a tua fortuna nunca mudaria»; o debate que se seguiu às várias intervenções visou sobretudo desenhar os novos contornos da indústria do luxo num mundo afectado pela convulsão económica.

Noite

O imponente Grand Théâtre de Genève fervilhava de actividade pelas 18 horas. Fachada iluminada com decoração relojoeira alusiva ao Grand Prix; passeadeira vermelha, limusinas, televisão e *flashes* de fotógrafos. Os assentos personalizados do júri ficaram localizados na primeira fila e a cerimónia arrancou em grande pompa, com o anúncio das diversas categorias e a apresentação dos dois modelos finalistas, para depois ser anunciado o vencedor e o respectivo presidente da marca a receber o galardão. Houve surpresas menores, com alguns modelos inesperados entre os dois finalistas, mas a principal surpresa foi a inesperada eleição do Prémio do Público – atribuído por votação *online* em worldtempus.com ao Starside Eternal Moon da Maurice Lacroix. Foi muito estranho um relógio de senhora ter ganho na votação *online* através de um *site* maioritariamente visto por homens aficionados da relojoaria mecânica...

Depois da cerimónia, gorou-se uma foto de conjunto dos elementos do júri; as entrevistas aos vencedores prolongaram-se em demasia e o *cocktail* chamava-nos. O *hall* do Grand Théâtre estava à pinha e as discussões eram animadas. Seguidamente, um número restrito das 1.500 pessoas que tinham assistido à cerimónia subiu para o jantar. Fui colocado na mesa da Romain Jérôme, jovem marca que tem causado polémica pelos seus relógios com luneta de metal corroído do malogrado Titanic; tive ao meu lado o Jean-François Rauchonnet, que idealizou o mecanismo de roldanas do Mónaco V4 para a TAG Heuer e que fez o Cabestan para a Romain Jérôme, enquanto Pierre Jacques, editor da GMT, me dizia que a Espiral do Tempo era uma das três melhores revistas de relógios do mundo... As conversas mais relevantes do dia tinham a ver com a mudança dos valores sociais que modificam a percepção do luxo e a evolução da geografia da riqueza com a predominância de novas regiões ou novos perfis de consumidores. Sobre tudo, o desafio colocado pelas flutuações do mercado à Alta-Relojoaria. E não há dúvida de que o Grand Prix d’Horlogerie de Genève respondeu positivamente, com uma lista de vencedores que representam prestígio, tradição e inovação.



Laureados de 2008

Ponteiro de Ouro: F.P. Journe Centigraphe Souverain
Relógio Complicado: Jaeger-LeCoultre Reverso Gyrotourbillon II
Relógio de Senhora: Piaget Limelight Magic Hour
Relógio de Homem: Vacheron Constantin Quai de l’Ile
Relógio Design: Concord C1 Tourbillon Gravity
Relógio Joalharia: Audemars Piguet Millenary Pianoforte
Relógio Sport: TAG Heuer Grand Carrera Caliper
Relógio Calendário: Audemars Piguet Equação do Tempo Squelette Jules Audemars
Construtor de Mecanismos: Giulio Papi
Melhor Aluno Escola de Relojoaria de Genebra: Glenn Thompkins

